
3 1761 06631655 5

ANTONIO BAIÃO
Director do Archivo da Torre do Tombo

HOMENAGEM AO MESTRE

I. — ALEXANDRE HERCULANO E A TORRE DO TOMBO

II. — CARTAS INEDITAS DE HERCULANO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1910

ANTONIO BAIÃO
Director do Archivo da Torre do Tombo

HOMENAGEM AO MESTRE

I. — ALEXANDRE HERCULANO E A TORRE DO TOMBO

II. — CARTAS INEDITAS DE HERCULANO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1910

ALEXANDRE HERCULANO E A TORRE DO TOMBO

Não sei ao certo qual a vez primeira em que o nosso grande historiador subiria as escadas do Archivo Nacional, então installado na parte do edificio de S. Bento fronteira á calçada da Estrella. Não sei, nem tão pouco a impressão, por ventura de respeito e veneração, que elle havia de sentir, ao pisar aquelles gelados corredores benedictinos e as cellas onde se albergavam monumentos multiplamente seculares! Quem nos diz se o alumno dos padres de S. Philippe Nery, no hospicio das Necessidades, não faria quotidianamente caminho para ali, ao saír de sua casa no pateo do Gil, á rua de S. Bento?! E quem nos diz tambem se a pouco e pouco o amor do passado, surgindo no seu espirito, radicando-se nelle, e desabrochando alfim nos opimos fructos, por demais conhecidos, não lhe havia de espicaçar a curiosidade de conhecer o conteudo da tão falada Torre do Tombo?!

Quanto sabemos ao certo é que, com vinte annos de idade, se matriculou na aula de Diplomatica, então regida na Torre do Tombo pelo lente substituto, Francisco Ribeiro Dosguimarães. Da applicação e talento do alumno hão de falar os seus trabalhos historicos.

Tomando parte activa nas lutas politicas da época, e obrigado a expatriar-se, vemol-o em Rennes dedicado aos seus estudos predilectos; vemol-o occupar de 1833 a 1836 um logar na Bibliotheca do Porto e vemol-o finalmente em 1839, escolhido por el-rei D. Fernando para seu bibliothecario e pouco depois encarregado de dirigir a valiosa bibliotheca da Ajuda.

Poderá alguem contestar de boa fé que nessa peregrinação entre livros e manuscriptos lhe não servissem de muito as luzes adquiridas na Torre do Tombo?

Mas eis Herculano de regresso á capital e agora com a sua situação definida, com a sua carreira direitamente traçada. Ouçamol-o pois: «Fôra a este (D. Fernando), escreve elle no prefacio da terceira edição da *Historia de Portugal,* que eu devera uma situação isenta de pesados encargos, a qual me tornara possivel dedicar a maior e melhor parte do tempo ao duro e

longo lavor que hoje exige a composição da historia». Com effeito, se a escolha não podia ser mais acertada para a Bibliotheca da Ajuda, tambem o deixava de pulso livre dar largas aos seus vôos de condor, correr á desfilada pelo passado qual ardente visionario, por esse passado que elle tentaria erguer, «como Lazaro, do pó sepulchral dos archivos».

Foi então — nos primeiros annos da nova profissão — que Herculano concebeu o plano gigantesco da *Historia de Portugal.* Diz-no-lo expressamente no já citado prefacio da terceira edição.

Conhecedor dos trabalhos historicos dos chronistas, da embusteira *Monarchia Lusitana*, dos trabalhos da *Academia Real da Historia*—dessa infinidade de *Memorias,* legadas pelo seculo XVIII, tão nitidamente impressas quão falhas de critica—Herculano tinha egualmente estudado a obra um pouco demolidora, exaggeradamente critica talvez da authenticidade das fontes, de que era auctor João Pedro Ribeiro: as *Dissertações chronologicas e criticas.*

Esse foi o seu precursor; todavia, para quem comparar Ribeiro ao milhafre, de vista aguda sim, mas de horisontes estreitos, Herculano é a aguia, pairando alto e abrangendo no seu olhar dominador vasto e extenso panorama. Ribeiro viu muito, viu por vezes bem; viu no emtanto só um aspecto dos documentos. Herculano, com o seu genio, estudou-os todos; aproveitou bastante das *Dissertações,* mas poude ir incomparavelmente mais adiante.

Era official maior da Torre do Tombo, no tempo em que Herculano a começou assiduamente a frequentar, José Manuel Severo Aureliano Basto. Guarda-mór seria Vieira de Castro ou o visconde de Santarem, ausente em Paris. Em qualquer das hypotheses seria com o official maior que Herculano se entenderia, pois que a frequencia do Archivo não era nesse tempo permittida ao publico, e o seu nome deveria figurar na tabella junto do relogio, a fim de o porteiro ser sabedor que lhe não era vedada a entrada nas casas dos armarios no interior da Casa da Corôa. Nessa mesma tabella figurara alguns annos antes o nome de João Pedro Ribeiro.

Isto, se se cumprissem as disposições regulamentares, porque tamanhas foram as facilidades com que Herculano começou as suas investigações historicas, que é elle mesmo a declarar-nos não ter tido para isso auctorisação official!

Quem tenha alguma vez tentado orientar-se no meandro labyrinthico, que é a Torre do Tombo, avaliará *á priori* se Herculano precisaria ou não do auxilio e da boa vontade do official

maior Severo Basto. Possuia na verdade conhecimentos paleographicos adquiridos no Archivo, mas não era natural conhecer as collecções que interessavam ao seu estudo. Por isso, sabedor de quaes ellas eram, seguir-se-ia immediatamente o percorrer os indices, elaborados umas dezenas de annos antes, no tempo em que era guarda-mór o conhecido Manuel da Maia.

E assim havia o mestre de percorrer, bem-dizendo certamente esse trabalho, os indices das Chancellarias dos primeiros reinados, os indices das gavetas e os indices das Bullas. Isto para a sua *Historia de Portugal,* porque para a *Historia da origem da Inquisição* grande auxilio lhe haviam de ter prestado os indices do Corpo Chronologico e da Collecção de S. Vicente, este ultimo não organisado na Torre do Tombo.

Consciencioso como era, não admira que Herculano se não contentasse com as indicações dos indices e percorresse a um e um, nas manhãs de segundas e quintas feiras, esses pergaminhos amarellecidos pelo tempo e que indifferentes tinham visto perpassar gerações sobre gerações, como indifferentes tinham vindo do castello de S. Jorge para o edificio de S. Bento.

Consultado sobre questões intimas do Archivo, como aconteceu em 1843, por occasião dum conflicto com José Feliciano de Castilho, minuciosamente narrado no nosso opusculo sobre *O Visconde de Santarem como Guarda-mór da Torre do Tombo,* Herculano manteve tão boas relações com Severo Basto que, apparecendo o primeiro volume da *Historia de Portugal,* acompanhou a sua offerta da seguinte carta inedita e desconhecida:

«Illmo amigo e sr. — Não me sendo possivel offerecer um exemplar do primeiro volume da *Historia de Portugal* a cada um dos meus amigos desse Archivo, offereço um a V. S.^a^, certo de que lhe facultará o uso delle, se julgarem que vale a pena de se occuparem com isso, do que eu proprio não tenho muita certeza. — Sou de V. S.^a^, amigo e c. obrig.^mo^ — *A. Herculano*».

Quer-se prova mais cabal da consideração ligada pelo mestre ao funccionalismo superior da Torre do Tombo, e, em especial, ao seu illustre official maior?

Ahi vae outra bem clara e terminante:

«Illmo sr. — Fiado na bondade de V. S.^a^, que a circumstancia de ter aturado por tanto tempo o José d'Hamburgo, tornou proverbial, e demonstrou inexgotavel, tomo a liberdade de lhe pedir queira mandar pôr sobre o bofete em que costuma trabalhar no Archivo o Sr. Visconde de Juromenha, esse car-

tapacio velho que eu lhe prometti, e que não mando a sua casa porque me não lembra o numero. Tambem rogo me haja de mandar pôr lá para um canto esse rôlo de papel, que vem a ser uns quadros synopticos, em que pretendo extractar os foraes, o que, se me fôr possivel chegar á Torre, e V. S.ª me facultar licença, começarei hoje mesmo ou na proxima quinta feira. — De V. S.ª, amigo venerador e c. — *A. Herculano*».

É nos vedado saber em que época esta carta foi escripta, pois é vulgar as cartas do grande historiador não serem datadas. No emtanto, como fica bem patente, a sua gratidão ao official-maior da Torre do Tombo, o reconhecimento da sua bondade e dos favores recebidos!

Todavia, prova ainda bem mais frisante havia de prestar do desvelo que lhe merecia o augmento das collecções do Archivo Nacional. Foi quando, em espinhosa peregrinação official, o Mestre percorreu, como commissario da Academia, nos annos de 1853 e 1854, as Beiras e o Minho, estudando os cartorios das corporações ecclesiasticas e promovendo o seu recolhimento á Torre do Tombo.

É desse tempo a entrada no Archivo do celebre codice illuminado do seculo XII, *Apocalypse de Lorvão,* que as freiras daquelle convento lhe offertaram.

Não contente com isso, por conta da Academia Real das Sciencias, começou publicando os documentos historicos desde o seculo VIII em diante, e ainda nessa obra é o seu braço direito um funccionario do Archivo, elevado depois a director, o sr. José Basto. O seu maior elogio está nas palavras seguintes:

«Todas as copias (para esse trabalho), escreveu o Mestre, foram tiradas com o maior esmero e quasi todas se acham já escrupulosamente conferidas com os originaes».

Uma nuvem bem negra veiu, porém, empannar a cordealidade de relações de Herculano com a Torre do Tombo. Em 1856 nomearam guarda-mór Costa de Macedo, seu inimigo declarado. Herculano deixou de poder frequentar o Archivo e tamanho prejuizo lhe causava tal facto que chegou a escrever ter cessado para elle a carreira de historiador.

...«Esse homem, escrevia elle em carta á Academia,... foi nomeado guarda-mór da Torre do Tombo, cargo importante, porque presuppõe, não só elevados dotes litterarios, mas tambem inconcussa probidade... Honrado com a confiança do supremo poder, vingado do desar que recebera, o successor de Gomes Eannes de Azurara, de Ruy de Pina, de Damião de

Goes, de João Pinto Ribeiro, de José de Seabra, de D. Francisco de S. Luiz, atirou á Academia com os seus diplomas de secretario e de socio, etc.

Felizmente não durou muito tempo tão estranha situação, porque, em outubro de 1857, foi Costa de Macedo aposentado.

No Codigo Civil é ainda Herculano quem introduz o artigo 2.497 de tanto interesse para o Archivo Nacional (1).

Quem hoje percorre na Torre do Tombo o *Indiculo,* o *Livro Preto* da Sé de Coimbra, o *Obituario* e o *Livro de Noa,* de Santa Cruz, o *Livro dos Mestrados,* o *Livro das leis e posturas,* o *Livro dos bens de D. João de Portel,* o *Livro dos Copos* e o *Tombo da comarca da Beira,* codices de que Herculano lançou mão para a sua *Historia de Portugal;* quem percorre, dizemos, as folhas de pergaminho desses medievos chronicons, certamente poderá nelles advinhar, ainda agora, vestigios dos dedos do Mestre, estudando paciente e laboriosamente aquelles caracteres paleographicos.

É que o seu espirito paira ali como se fosse um nume protector. É que a sua alma se identificou tanto com os documentos que nos parece sentil-a ainda hoje vibrar, qual vigilante sentinella.

Por isso, na terrivel crise social que atravessamos, em que são relegados para um triste plano secundario os trabalhos litterarios da nossa terra, Mestre, é á tua sombra austera que nos havemos de acoutar nos momentos de desanimo, como outr'ora te acoutaste desalentado sob os robles frondejantes do teu lindo Val de Lobos.

---

(1) Diz o seguinte: «Os documentos anteriores ao seculo XVI, cuja authenticidade fôr contestada em juizo, não poderão ser recebidos, como meio de prova, sem previo exame diplomatico feito na Torre do Tombo, do qual resulte o conhecimento da dicta authenticidade.

§ unico. Este exame será ordenado pelo guarda-mór do Archivo, em virtude de requisição do juizo onde o documento tiver sido apresentado».

Pode ver-se no livro *O Archivo da Torre do Tombo,* a pag. 191, nota, a sua critica.

CARTAS INEDITAS

DE

ALEXANDRE HERCULANO

As cartas que se vão ler foram dirigidas pelo Mestre ao venerando professor jubilado do lyceu de Santarem, sr. dr. Joaquim Maria da Silva, a quem muito agradecemos a distincção que nos fez, permittindo que as publicassemos.

Encarecer-lhes a importancia é certamente uma superfluidade para as pessoas illustradas.

Dois assumptos principaes nellas são versados: um diz respeito á collaboração scientifica de Herculano no trabalho do sr. dr. Silva intitulado *Estudos de Philosophia Racional,* publicado em 1863 pela Academia Real das Sciencias.

São a prova do que foi affirmado no *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo XII, pag. 112, onde se diz constar que a obra *Estudos de Philosophia Racional* «fôra revista e corrigida por Alexandre Herculano».

Outro são trabalhos de advocacia que o Mestre incumbia ao sr. dr. Joaquim Maria da Silva, salientando-se a questão suscitada por causa de uma ponte juncto da quinta de Val de Lobos, na qual se manifesta mais uma vez aquella integridade de caracter de Herculano ao escrever: *os dinheiros publicos não são para fazer obras desnecessarias em obsequio de particulares.*

Uma vez ou outra manifesta-se nellas o cansaço de espirito que invade quantos se dedicam a trabalhos intellectuaes, como quando na carta VII Herculano diz tomar-se em Val de Lobos *sem abrir um livro.*

Demonstram tambem a muita consideração que o Mestre

ligava ao sr. dr. Silva, sendo para notar a pergunta se deseja os compendios de Philosophia de Pinheiro, de Braga, e de Ribeiro da Costa, do Porto.

Por ultimo as cartas referem-se ás relações de Herculano com D. Benigno Martinez e melhor fallam ellas que a minha desataviada prosa.

I

Ill.mo Am.o e Sr.

Remetto a procuração para a escriptura da Papoula, que o meu am.o fará fazer de modo conveniente, para evitar duvidas futuras. Já agora tem de levar ao calvario a cruz dos negocios de Val-de-Lobos.

Cá me apparecem duas duvidas, na prova da penultima folha. No § 4 do ultimo estudo, no sub §, que começa: «*Assim repugna*» deixou V. S.a passar na 1.a prova (se no original tambem, não sei dizer, porque depois da 1.a prova o original fica na imprensa) a seguinte passagem, que não faz sentido, mas a que me não atrevo a da-lo, com medo de fazer cancaborrada, ibi: «e se, em materia de factos internos, o sentido competente me diz uma cousa e isso não são principios absolutos, ou suas legitimas deducções, etc.». Se tem lá o borrão original, veja como se ha-de corrigir isto.

Quasi no fim do § 3.o lê-se «a substancia que chamamos Deus e que assim se tem chamado, ou πᾶν (os compositores poseram πηπ que não quer dizer nada, mas que é facil corrigir). *Pan,* como sabe, era uma das manifestações de Deus, no symbolismo grego, um Deus de segunda ordem, na mythologia. Este nunca significou a ideia absoluta Deus. Quanto a πᾶν (neutro de πᾶ) significando *omne,* nunca que eu saiba significou, na linguagem philosophica dos antigos, senão o *universo,* o *mundo,* no sentido material. Só os pantheistas modernos, que fundem Deus com o universo é que tem applicado o πᾶν nesse seu sentido.

No sentido porém da doutrina, que o meu am.º sustenta, pode citar-se esta palavra como *synonimo* de Deus? Veja lá isso.

A proposito de greguices: depois que lhe escrevi sobre a *autologia* fui verificar. Em grego ha *tautologia*, no sentido que hoje lhe damos; *autologia* não ha, e ainda querendo compor (pela indole da composição indefinita do grego) de *auto* e *logos* achei que nos exemplos, que ha antigos, de composição com *auto*, esta palavra tem as mais das vezes de ser traduzida por *proprio*.

De V. S.ª
Am.º e c.º

abril 10

A. Herculano

II

Ill.mo Am.º e Sr.

Remetto por este correio as 3.as provas das folhas 5 e 6. Fiz varias emendas nas 2.as provas, e não sei se com ellas arranjaria alguma cancaborrada, porque o espirito não estava muito assente para essas cousas. Podem até ter escapado erros d'imprensa. Vão tambem as 1.as provas das folhas 9 e 10 e os originaes, que me mandaram. Veja tudo isso de seu vagar, pois, se não chover muito, vou a Calhariz; porque o Soure tem estado doente e anda aquillo por lá ao Deus dará.

De V. S.ª
am.º e cr.º

Novembro 27.

A. Herculano

III

Illmo Am.^{o} e Sr

Ajuda 9 de outubro

José de Sá mostrou me uma carta sua ao amigo Gorjão, sobre o negocio da ponte de Val-de-Lobos. É uma historia, em prosa ruim, de uma Illiada de asneiras dos nossos Agamemnões das engenharias, a historia das obras de tal ponte. Sei que viu as minhas ultimas cartas ao nosso am.^{o}, sobre aquelle assumpto. Deixo a V. S.^{a} a adopção das formulas, que lhe parecerem mais acertadas para eu seguir o exemplo do moleiro, que dizia a Frederico II *«il y a des juges à Berlin,* mas aponto os fundamentos da minha queixa, para V. S.^{a} fazer melhor idêa do negocio.

Antes das obras da ponte, o rio saltava religiosamente por cima della, todos os annos, porque as cheias não cabiam pelos arcos. Direito natural do rio.

Ria-me eu do rio, quando fazia esta graça. A montante da ponte estende-se uma planura minha, em cujo cimo tenho um moinho e umas casas. As soleiras das portas d'estas casas e o pavimento do moinho eram superiores ao nivel das guardas da ponte e portanto as aguas das cheias não podiam recuar, a ponto de entrarem dentro dos edificios.

O engenheiro, ou engenheiros, da estrada nova, que passa por aquella ponte, entenderam que deviam aproveita-la, e, para que o rio não passasse por cima, levantar-lhe as guardas. O que obtinham com isto era, porém, obviamente fazer saltar a agua de mais alto, visto que não augmentavam a area dos arcos, e a experiencia mostrava que as cheias não cabiam por elles. Mas excedendo as novas guardas muito o nivel do pavimento do moinho e das portas do edificio contiguo, era inevitavel serem estes inundados, antes da cheia poder sobrelevar as novas guardas. Dirigi-me ao governo, ponderando estes factos faceis de comprehender. O governo parece ter reconhecido que eram attendiveis; porque a obra parou por largo tempo, e agora manda-se dar maior área a um dos arcos da ponte; mas, segundo se diz, a obra consiste em eleva-lo meio metro, o que decerto não basta a dar saída ao volume das aguas, nas grandes cheias, como de certo dirão todos os que conhecem a grande quantidade

de agua, que se accumula naquelle valle, por occasião de copiosas chuvas.

D'antes era para mim indifferente que a cheia fosse maior ou menor. Como a ponte é assás extensa e as guardas eram inferiores aos pavimentos das casas, nunca ella podia recuar até lá. Agora basta que uma pequena parte della não caiba pelos arcos para a innundação ser infallivel. Ha dous arcos de maiores dimensões; os outros ductos, que atravessam a ponte, são de área mais ou menos insignificante. Pretende-se elevar num delles o meio metro, de que acima fallei. Um, que está sobre o leito ordinario do rio, é muito mais estreito, e o meio metro daria alli um augmento d'área, muito menor do que no outro, onde essa mesma elevação seria insufficiente. Neste similhante elevação, chamando ahi a grande corrente da cheia, trasbordada do rio pelo campo, arrastaria provavelmente as terras a montante, abrindo algares profundos, que inutilisariam o campo, ao mesmo tempo que a accumulação das aguas invadiria os edificios.

Não consta que o engenheiro, ou engenheiros, fizessem estudos ácerca da massa de aguas, que traz o rio nas maximas cheias, e a prova é que se pretendia a principio não elevar nenhum arco, sendo sabido por todos, menos por quem tinha obrigação de o saber, que as cheias passavam por cima da ponte. Prova-o tambem o mandarem-me perguntar agora (do que ha testemunhas) qual dos dous arcos queria eu que se elevasse, tendo um quasi o dobro da largura do outro.

Se a elevação do mais estreito dá saída ás aguas sem as represar, para que a pergunta? Os dinheiros publicos não são para fazer obras desnecessarias, em obsequio de particulares. Se porêm, esse augmento é insufficiente, supponda que eu tivesse o capricho de ver a minha propriedade arruinada e que preferisse o tal augmento, deveriam elles fazer, por isso, uma obra, que daria em resultado saltar a agua, como d'antes, por cima da ponte, com a unica differença de ser a tres ou quatro metros d'altura, em logar de ser a um e meio, ou dous?

O que parece certo é que não se estudou nem calculou; que se faz uma cousa a esmo. Não ha ninguem, que conheça de longa data as cheias, que vem no inverno, á ponte de Val-de-Lobos, que não repute insufficiente aquelle augmento de meio metro, em ambos os arcos, quanto mais num só. Se os engenheiros tẽem estudos sobre o rio e sabem qual tem sido, nos annos anteriores, o volume da agua, que alli passa nas grandes cheias, que apresentem esses estudos, que apresentem o resultado das

suas observações, indicando os dias, em que as fizeram, e mostrando como o augmento d'area, que querem dar a um só arco, sem saber se ha-de ser o mais largo ou o mais estreito, obsta ao represamento, cujos damnos não padecem elles, mas sim eu.

Agoro uma advertencia ao meu am.º.

Que allegue, escrevendo ou fallando, o meu direito *gratis pro Deo,* comprehendo e admitto.

Que pague despesas e custas, que trazem essas cousas, não percebo. Se isto acontecer, a questão perde-se; porque eu vou declarar, em juizo, que desisto; que eu é que sou um asno e os engenheiros, uns Stephensons outoniços; que o estado tem o direito de dar cabo do que é de cada um, mandando os dictos Stephensons fazer estradas e aproveitar pontes, em vez de os encarregar de fazerem botas, ou chouriços.

De V. S.ª
Am.º e c.º

A. Herculano

IV

Ill.mo Am.º e Sr.

Estou impertinente, mas não ha remedio, para que depois não seja apoquentado V. S.ª (até onde eu possa alcançar) pelos padres. No mesmo § 4.º, em que já tive duvidas, occorre-me outra. Depois de refutar a theoria da razão impessoal de Bouillier, accrescenta o seguinte: «Deus, pela sua immensidade, está em toda a parte, ou presente a todas as cousas, mas *não presente em alguma finita;* porque *repugna* que o infinito esteja no finito, etc.»

E a eucharistia?

Os mysterios são *acima* da razão; mas quererão os padres admittir que sejam *contra* a razão, e portanto absurdos? Veja bem isto.

De V. S.ª
am.º e c.º

Abril 15.

A. Herculano

V

Illmo Am.^{o} e Sr.

Aqui estou em Val-de-Lobos e não toquei no ferrolho, ao passar por Santarem, por me não demorar ao refeitorio do nosso amigo Gorjão. Na volta espero ve-lo ahi. Mando 2 folhas impressas, e diga-me se falta alguma das anteriores. Vae juncta a 1.ª prova da 23. Remetto tambem a 2.ª da 21, porque a esgaratugei de modo que não sei se lhe alterei nalguma parte o sentido. Notará que mudei nesta, como nas anteriores, a palavra *poder* para *potencia*, ou outra equivalente.

A nossa lingua repugna quazi sempre ao uso d'este verbo, como substantivo; mas pode haver alguma razão para substituir este verbo substantivado, a *potencia* ou a *faculdade*. Lá verá.

Os meus cumprimentos á Senhora e creia-me

am.^{o} certo

11 julho

A. Herculano

VI

Illmo Am.^{o}

A sua carta discutida com o travesseiro, suggeriu-me uma modificação no meu plano de campanha. *Altiora peto.* Em vez de almoço, peço de jantar no domingo, o seu jantar domingueiro, sem tirar nem pôr, alias não repito.

Visto que é possivel fazerem-se as procurações, sem eu estar presente, V. S.ª tem a bondade de as mandar fazer ámanhan, e eu assigno-as, depois de ámanhan, em sua casa.

Quanto á que respeita ao negocio da ponte, V. S.ª lá indicará a substancia d'ella; quanto á outra procuração ao S.^{r} Ma-

nuel Caldeira da Costa, da villa de Cezimbra, em que, como rendeiro que fui do Morgado de Calhariz, pertencente aos Duques de Palmella, durante nove annos findos no ultimo de dezembro de 1863, dou lhe todos os poderes especialmente necessarios, para haver dos foreiros e rendeiros do dicto Morgado, o que deverem, em relação áquelles nove annos, auctorisando-o para dar as respectivas quitações, chamal-os á conciliação e usar de todos os meios judiciaes, conducentes a realisar a referida cobrança.

Até domingo.

De V. S.ª
Am.º obrig.^{mo}

6 f.ra 17.

A. Herculano

VII

Ill.mo (sic)

Tinha tudo parado na Academia, por causa de uma biographia de Martinez de La Rosa, pelo Reb.º; por fim tive de me zangar e inquirir se havia melhor ou peior direito, entre os membros da Academia. Afinal o *doctum corpus* descubriu que não havia. É o quarto ou quinto, na ordem dos grandes descobrimentos d'este seculo. Tomara-me eu já em Val-de-Lobos, sem abrir um livro.

Am.º

A. Herculano

VIII

Illmo Am.^{o} e Sr.

Recebi o favor do seu livro, que é uma memoria, que guardo, da sua boa amizade. Ainda não agradeci, porque ha quinze dias que litteralmente não tenho tido tempo para escrever uma carta.

O Pinheiro, de Braga, e o Ribeiro da Costa, do Porto, mandaram-me aqui os seus compendios. Da Bahia tambem me remetteram umas Investigações de Psychologia. Eu já não estudo d'estas cousas, nem estudo nada. Quer para ahi esses livros? Diga-mo, porque vão logo.

Consta-me que saíu na Relação a sentença unanime a meu favor, e que passaram os dez dias, sem recurso. Parece-lhe que mande tirar o traslado, para se apresentar ahi ao director das obras publicas?

Deixei correr o negocio á revelia, até ao fim, e nunca falei nisso a um só juiz.

Parece que eu tinha razão.

De V. S.^{a}
am.^{o} e c.^{o}

A. Herculano

IX

Illmo Am.^{o} e Sr.

Ambas as ultimas duas vezes que fui a Val-de-Lobos, tive impedimento dirimente para o ir ver, como tinha tenção: a 1.ª porque me acompanhou a Santarem o Secret.^{o} de D. Fernando, homem velho e doente, que não queria deixar só na hospedaria; a 2.ª, porque eu mesmo me achei doente e parti directamente da Azoia para o caminho de ferro, como pedi a João de Sá e a José de Sá dissessem a V. S.^{a}, pedindo tambem o favor de me desculpar com o G.^{or} Civil.

Mandei, ha tempos, a V. S.ª a ultima folha da sua memoria, pedindo que lhe desse uma vista geral e emendasse os erros, que encontrasse, que valessem a pena d'isso, para se pôrem como erratas e correcções no fim. Apertam agora comigo da Academia (a quem não mandei a prova da ultima meia folha justamente para não poderem acabar a impressão, antes de virem as suas correcções) dizendo-me que está suspensa a publicação de um volume, por causa da dicta memoria.

Assim veja o meu am.º se pode, quanto antes, mandar o seu *imprimatur*.

Desejo-lhe saude e aos seus e peço os meus cumprimentos á Senhora.

De V. S.ª
Am.º e c.º

Ajuda 24.

A. Herculano

X

Illmo Am.º e Sr.

Ha occasiões, em que se dão cartas de recommendação, como o viandante dá a bolsa na encruzilhada, perante a infallibilidade do bacamarte de certa eschola socialista. Esse homem crinito, que lhe apresentou a minha carta, esperou-me em casa, desde as 5 da tarde até ás 10 da noite, para me pôr aos peitos uma carta do Ferrer, que pedia para elle, e com instancia, outra carta para o meu amigo. A questão era de bolsa ou vida. Podia chamar a patrulha; mas, ainda que lhe expuzesse a questão, a patrulha não me entendia.

Dei a carta escripta com aquella sentinella patibular á vista.

Creio que me faz a justiça de acreditar que não tenho nenhuma paixão cega, por ver o paiz povoado de doutores e sabios pedaço-d'asnos, como um cardeal da sancta igreja romana. Fez excellentemente em aconselhar aquella alimaria felpuda a que fosse cavar.

Eu estava a escrever a carta e a namora-lo com o canto do olho para o mandar para Val-de-Lobos e recommenda-lo ao meu Antunes, em vez de o recommendar ao meu am.º

Quando eu, ou alguem, lhe escrever cartas da natureza d'essa, saiba aproveita-la. Tem 90 p. c. a apostar contra 100, que lhe enviam um animal de cabello, a cujas pernas lhe cumpre soltar uma matilha de raposas.

Os meus cumprimentos a sua Ex.ma Mulher e creia-me

De V. S.ª
am.º obrg.mo

11 julho

A. Herculano

XI

Ill.mo e Ex.mo Sr.
Joaquim Maria da Silva

Val-de-Lobos
1 de dezembro 1875

Remetto, aberta, a V. Ex.ª, a carta que escrevo ao Sr. Martinez e, se tiver paciencia para a ler, verá ahi os motivos, que demoraram a minha resposta a uma carta d'elle, e aquella sobre que V. Ex.ª teve o incommodo de me escrever. Esses motivos são inteiramente verdadeiros. Sou insignificante membro de varias corporações litterarias da Europa e da America: de nenhuma dellas recebi aviso da minha eleição de socio, por uma carta assignada por seis individuos, sem um só se qualificar como funccionario da respectiva sociedade. Salvo o Instituto de França, que não expede diplomas (pelo menos aos correspondentes) mas que faz a communicação pelo secretario d'aquella das cinco academias, a que o eleito fica pertencendo, todas ellas transmittem o diploma junctamente com a communicação, que é assignada pelo presidente, ou pelo secretario, ou por ambos. Qual dos seis individuos indistinctamente assignados é o presidente; qual o secretario? Ignoro-o. Escrever a cada um dos seis parece-me demasia de cartas. Se V. Ex.ª achar conveniente acom-

panhar com algumas linhas suas a resposta, que dou a D. Benigno, queira V. Ex.ª ter a bondade de ajunctá-las debaixo do mesmo sobrescripto, porque naturalmente conhece a residencia delle em Madrid, e nesse caso eu pediria o favor de dar igual direcção aos dous volumes cintados, que junctamente remetto. Na hypothese de não escrever agora a Martinez, V. Ex.ª far-me-hia especial obsequio em devolver-me a carta e os volumes com a indicação da morada d'aquelle cavalheiro. Digne-se V. Ex.ª de fazer presentes os meus mais respeitosos cumprimentos e os de minha mulher ás Ex.mas Sr.as sua Esposa e Filhas, continuando por sua parte a considerar-me como

De V. Ex.ª
C.º e am.º obrig.mo

A. Herculano

XII

Ill.mo e Ex.mo Am.º e Sr.

Julho 11 1877

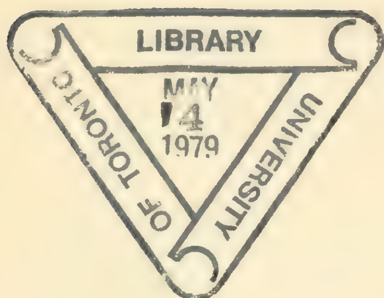
Recebi, ha dias, um não sei se officio se carta, em que se me pediam amostras de vinho para a exposição de Paris. Vinha assignado por tres nomes, entre os quaes o de V. Ex.ª Os outros dous não sei se cheguei a lê-los com exactidão. Suspeito que não.

Ando tão alheio ao que se passa na capital do districto, que não sei se existe uma commissão do governo, ou da administração local, encarregada de promover a collecção de amostras de vinhos, ou se as diligencias partem de uma associação particular. Em qualquer dos casos era obrigado a dar razão de mim. Peço por isso a V. Ex.ª que, segundo vejo, intervem no assumpto, o especial favor de fazer chegar a carta juncta ás mãos dos outros Srs. signatarios da que me foi dirigida.

Disponha entretanto V. Ex.ª do fraco prestimo de quem é

De V. Ex.ª
Am.º e c.º obrig.mo

A. Herculano


LIBRARY
MAY
14
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

DO MESMO AUCTOR:

O Visconde de Santarem como Guarda-Mór da Torre do Tombo.

De collaboração com o sr. Pedro de Azevedo:

O Archivo da Torre do Tombo, sua historia, corpos que o compõem e organisação, edição da Academia de Estudos Livres.......... 800 réis.

Em publicação no **Archivo Historico Português**:

A Inquisição em Portugal e no Brazil, subsidios para a sua historia.

Em publicação no **Archeologo Português**:

A Villa e Concelho de Ferreira do Zezere, monographia historica local.